

ISSN 2764-0434

V.9 N.2 DEZEMBRO DE 2023

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 - Piratini

Sapucaia do Sul - RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9200

E-mail: ss-ccs@sapucaia.ifsul.edu.br

Organizador:

Misael Kruger Lemes

Projeto gráfico e diagramação:

Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 9, n. 2, (dez, 2023). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação	7
Prof. Misael Kruger Lemes.....	7
Texto do convidado	9
Prof. Paulo Marcus Hollweg Correa.....	9
História de vida	11
Andressa Elesbão da Rosa.....	11
Meu primogênito	12
Aniele de Oliveira Rocha.....	12
Minha vida escolar com música	15
Bruna Alexandre	15
Sobre uma grande mãe	17
Dioce de Lima Silveira	17
Uma nova história	21
Flávia Alves da Luz	21
Meu pássaro voou.....	26
Gabriela de Castro de Souza.....	26
O milagre da cura	29
Maria Jocélia de Oliveira Hermes	29
Persistir mesmo quando quiser desistir	31
Michele Pires da Rosa	31

Apresentação

Prof. Misael Kruger Lemes

É com profunda satisfação que apresentamos à comunidade estudantil, bem como à comunidade externa, mais uma edição do projeto Histórias que merecem ser contadas, relativa ao primeiro semestre do ano de 2023. Sendo esta a terceira edição que coordeno, posso reiterar o que tenho afirmado nas edições anteriores: de que o projeto cumpre, de forma exitosa, sua função educacional e social.

Nesse sentido, deixo meu agradecimento à turma 4F por seu engajamento na produção das histórias, por escutarem ativamente as histórias de seus pares, e por confiarem a este espaço suas autorias. Embora a escolha de uma narrativa possa parecer inicialmente desafiadora, sabemos que todos têm algo que merece ser contado.

Não posso deixar de agradecer, igualmente, a Professora Suzana Trevisan, responsável pela criação e concretização deste projeto que, desde o ano de 2013, vem incentivando práticas de leitura, de escrita, de socialização e, sobretudo, de empatia, pois, ao conhecermos a história do outro, passamos a ver o mundo sob diferentes perspectivas, o que nos torna mais tolerantes e compreensivos.

Ademais, a proposta pedagógica do projeto fomenta o desenvolvimento das habilidades linguísticas que não se resumem ao estudo de regras gramaticais, mas que estimulam o

uso da linguagem enquanto prática social, ancorado na vida dos estudantes e contextualizado a partir de suas realidades.

Desejo a você, leitor deste livro, uma leitura enriquecedora, e que as histórias aqui apresentadas sejam capazes de transportá-lo a novos mundos despertando os mais diversos sentimentos.

Texto do convidado

Prof. Paulo Marcus Hollweg Correa

Fiquei imensamente feliz por ter sido escolhido pela turma atual 5F do curso técnico em Administração na Modalidade PROEJA – tivemos aulas juntos em dois momentos, nas turmas 2F e 3F - para redigir o prefácio desta edição do livro desenvolvido no projeto “Histórias que Merecem ser Contadas”. Este projeto, em minha opinião, destaca-se ao resgatar memórias há muito adormecidas nas/os estudantes, revelando eventos significativos de suas vidas. E quantas outras experiências nossas/os estudantes viveram antes de decidirem retornar aos ambientes acadêmicos do Campus Sapucaia do Sul do IFSul? E quais foram suas vivências durante o curso?

Ao me aprofundar na leitura de cada edição do livro, disponho-me, mais uma vez, com coração aberto e ouvidos atentos, para compreender as narrativas de cada estudante. É extremamente gratificante conhecer um pouco mais sobre a vida de cada um/a, ressaltando que nenhuma história é menos relevante, pois cada uma é única e não pode ser comparada com outra.

Como professor, espero ter contribuído para a formação profissional de cada um/a, oferecendo ensinamentos que transcendem as fronteiras das aulas de Matemática. Os conhecimentos matemáticos, sem dúvida, contribuíram para que todos chegassem ao final do curso, superando as inúmeras dificuldades enfrentadas por cada um/a. No entanto, mais importante do que contribuir na conclusão de um curso, espero

ter contribuído para a formação de seres humanos íntegros e melhores.

Agradeço sinceramente pelo convite e por terem enriquecido também a minha história. Não posso deixar de parabenizar as colegas e idealizadoras deste significativo projeto, as professoras Suzana Trevisan e Vanessa de Oliveira Dagostim Pires.

Expresso aqui meus mais sinceros agradecimentos.

História de vida

Andressa Elesbão da Rosa

Era janeiro de 1994, época de final de ano, com festas e comemorações. Eu nasci em 01 de janeiro de 1994, e quando tinha um mês e dezoito dias, renasci, pois duas pessoas que queriam tanto formar uma família me encontraram. Dali em diante, minha vida mudou, era só amor, carinho, educação e afeto... coisas que toda criança recém-nascida deve ter! Aquelas duas pessoas me adotaram com todo o amor que eles tinham, me criaram sempre com muita responsabilidade, dizendo sempre a verdade. Lembro bem da minha mãe dizendo: “você é minha filha do coração e não da barriga”. Aquilo sempre me marcou, ficou registrado em minha memória. Meu pai, hoje já falecido, sempre me ensinou a andar pelo caminho certo. Na adolescência, achava todas aquelas explicações muito chatas, mas, hoje em dia, vejo que tudo isso me ajudou a ser quem sou hoje. Minha mãe sempre me apoiou, mesmo quando se tratava de algo que ela não queria que eu fizesse, ela estava ali. Hoje em dia, ela é meu braço direito, quem me ajuda em tudo: cuida do meu filho — que para ela, é tudo nessa vida —, então só tenho a agradecer por tudo que eles fizeram por mim. Se não fossem eles, nem sei quem eu seria hoje... Gratidão por tudo, principalmente por terem me escolhido.

Meu primogênito

Aniele de Oliveira Rocha



Em 2012, descobri que estava grávida do meu primeiro filho. Não esperava por aquela notícia, na hora fiquei em choque, porque sabia que corria alguns riscos, já que, naquela época, eu usava um fixador na perna por conta de um acidente que sofri, desenvolvendo, então, uma infecção chamada osteomielite crônica. Fazia uso de muitas medicações naquele momento. Desse modo, uma gravidez diante daquele momento não era uma boa ideia... Meu médico, que fazia um acompanhamento com outra

equipe, relatou que eu não poderia dar seguimento àquela gravidez, pois era de alto risco, inclusive de riscos para o bebê. Lembro-me que ele olhou dentro dos meus olhos e disse:

— Vou fazer um pedido para o hospital para marcar uma curetagem.

Disse isso sem ao menos perguntar se eu queria ou não. Parei por um instante refletindo sobre aquela situação, mas, em questão de segundos, olhei no olho dele e falei:

— Não vou tirar meu filho!

O médico, no entanto, disse:

— Aniele, essa criança vai correr muitos riscos, sendo que poderá nascer com muitas deformidades ou com algum tipo de doença...

Retruquei dizendo que não, que meu filho nasceria perfeito! Mesmo assim, ele ainda tentou me fazer mudar de ideia, mas não consegui! Ele questionou novamente se eu estava ciente do que poderia acontecer e eu falei que sim, mas que isso não iria acontecer.

Então, a partir daquele dia, os nove meses de gestação foram um misto de preocupações. Fazia exames três vezes por semana, em Porto Alegre, na Santa Casa, e, assim, os meses foram se passando e a preocupação tomava conta de mim, mas sabia que no fim tudo daria certo, pois pensava que se já não era possível eu engravidar, por conta de todas aquelas medicações, por que Deus faria aquele milagre, se não fosse realmente um milagre?

Os meses se passaram e chegou o dia 7 de janeiro de 2012, o dia em que comecei a sentir as dores para dar à luz o meu filho. Fui à tarde para o hospital. Ao chegar lá, fiz toda aquela função de fazer a minha baixa no hospital e fiquei internada para ganhá-

lo naquele dia. Lembro-me que às 18h subi ao quarto que ficava ao lado do centro obstétrico, e passaram-se, então, mais alguns minutos e às 18h18min entrei para sala de parto, onde os minutos passaram muito rápido e às 18h21min meu amor chegou ao mundo!

Naquele momento o médico gritou: “Ele é perfeito!”, e todos começaram a bater palmas, porque ele veio ao mundo sem nenhum problema, sem nenhuma deformidade. Foi o momento mais feliz da minha vida, e, naquele momento, com meu filho sobre meu peito, agradei a Deus por ele ser perfeito e saudável. Falei, ao meu filho, as seguintes palavras:

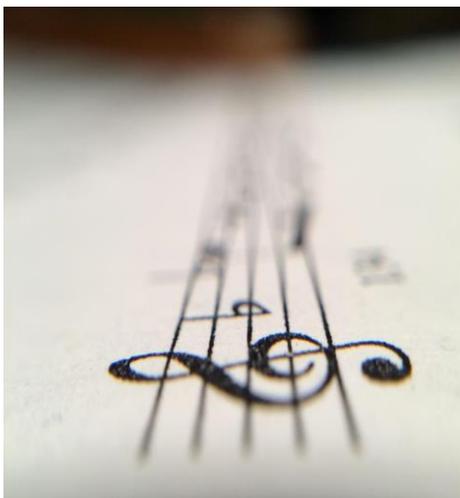
— Seja bem-vindo, meu milagre. Seja bem-vindo, amor da minha vida!

Hoje, posso dizer que meu milagre está com 11 anos de idade, “esbanjando” saúde e muita travessura. Digo, então, a vocês, leitores que Deus sabe o que faz e sabe o momento certo de fazer, pois sei que ele mandou essa criança para mudar minha vida, pois se não fosse por ele, hoje, talvez, eu não estivesse aqui para contar esse milagre a vocês, pois eu vivia uma vida muito “louca”. Então, milagres acontecem, e o Henrike é a prova disso.

Minha vida escolar com música

Bruna Alexandre

Comecei a estudar bem cedo, meus pais me colocaram na pré-escola, para que eu fosse me acostumando com a escola. Confesso que eu não gostava muito da ideia, mas com o passar do tempo, fui me acostumando. Sempre estudei em escola pública, tive ótimos professores,



alguns muito rígidos, outros nem tanto. Porém, uma professora foi inesquecível para mim pela forma de ensinar. Ela costumava ensinar a matéria com música, de acordo com o que ela ia ensinar naquele dia, pensava em uma música a partir daquele conteúdo. Assim, aprendíamos mais e melhor. Alguns estudiosos defendem que o lúdico é uma ferramenta de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem, e creio que sim, pois comigo funcionou.

O tempo foi passando, terminei o ensino fundamental na minha cidade e me mudei para outra cidade para terminar o ensino médio. Foi tudo muito difícil, cidade e escola nova, novos colegas, mas consegui me adaptar. Alguns anos depois, tive a oportunidade de ingressar no IFSul. Hoje, nessa instituição, não

aprendo mais com música, mas existe uma música que representa a minha trajetória e caminhada ao mesmo tempo, que é a música “tá escrito”, do Grupo Revelação. O trecho que me representa é: “erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé, manda essa tristeza embora, pode acreditar que um novo dia vai raiar, sua hora vai chegar...”. Toda vez que escuto essa música e estou num momento difícil do curso, eu melhora, pois me vejo na minha formatura ao escutar esse trecho da música. Esses são fundamentos, implícitos em minha memória, dos fatos em minha vida escolar, que continua agora na iniciação do mundo acadêmico.

Sobre uma grande mãe

Dioce de Lima Silveira

A história que resolvi compartilhar aqui não é uma história diretamente minha, mas que me abalou profundamente por ter sido com a minha irmã. Somos muito ligadas, sofremos as nossas perdas e comemoramos as nossas conquistas sempre juntas, por isso, achei justo usar esse espaço para fazer essa homenagem a ela. No dia 12 de junho de 2013, estávamos eu e meu filho em casa, na época ele estava trocando os dentes de leite, e naquele dia, ele perdeu o primeiro dente, fizemos uma festa, mas a notícia mais especial da noite quem nos deu foi a minha irmã. Ela acabara de descobrir que estava grávida... que alegria! Dia maravilhoso para nossa família. Lembro dela no banheiro com o primeiro teste que, de tão nervosa que ela estava, deu errado. Meu cunhado, então, correu até a farmácia para buscar um novo teste, que, daquela vez, feito com calma, trouxe-nos o resultado positivo. Ela já vinha sentindo alguns sintomas, mas esperou para comunicar somente com a confirmação do teste. Que alegria! Ela é dinda do meu filho, e eu sabia que seria uma ótima mãe.

Começou, então, o pré-natal. Os enjooos eram seguidos, tudo que ela comia ou bebia, voltava. Era uma loucura... Eu acompanhei de perto desde o momento do positivo, às consultas, às ecografias, inclusive a escolha do nome. Descobrimos que seria uma menina, sugeri que fosse “Isadora”, minha irmã e meu cunhado amaram, e esse, então, foi o nome escolhido. Todos ficaram muito felizes com a espera da nossa menina, mas as

coisas começaram a ter um rumo diferente logo após o quinto mês. Minha irmã começou a ter alteração na pressão, que começou a subir de maneira descontrolada, começaram também as crises de ansiedade e o medo. Nós estávamos por perto sempre tentamos ser suporte para ela, mas, infelizmente, existem situações que fogem do nosso controle. A gestação se tornou de risco, com muitos cuidados e recomendações para as duas. Para mim, era angustiante saber que minha irmã e Isadora corriam risco. Fomos nos apoiando e resolvendo, aos poucos, o que podíamos.

Para ela se distrair, organizamos o chá de bebê, que foi lindo! Uma festa linda para receber a nossa princesa. Assim que passou o chá, mana organizou tudo que faltava para a chegada da Isadora, o parto estava previsto para janeiro, mas devido a todas as complicações que estavam acontecendo, foi antecipado para dezembro. Na última ecografia em que a acompanhei, voltamos com as nossas esperanças renovadas. A notícia foi maravilhosa, nossa Isadora estava crescendo, a mana estava com a pressão estabilizada, as ecografias, que eram semanais, puderam ocorrer com intervalos de dez dias e a recomendação do obstetra era continuar com os cuidados que já estava tendo.

No dia 19 de novembro de 2013, meu cunhado foi com ela para a eco, fiquei em casa esperando eles. Lembro da minha irmã chegando com o semblante triste, com lágrimas nos olhos, me falou então que não tinha mais bebê. Eu, sem entender nada, pedi que ela me explicasse o que estava acontecendo, ela, então, repetiu a frase: “não há mais bebê”, e ainda acrescentou: “não há mais batimentos, não há mais líquido, nada... ela se foi...”. Naquele momento, parecia que eu havia entrado num pesadelo,

que aquilo não era real. Não sabia o que fazer ou falar, se eu estava destruída, não tinha como mensurar a dor da minha irmã e do meu cunhado pela perda que acabavam de ter. Ali, começou a nossa saga, fomos em busca de orientação do médico, foram alguns dias de incerteza, de como seria dali em diante. Fomos para o hospital para ela ficar internada. Na quinta-feira, meu cunhado estava com ela, na sexta de manhã, aconteceu o parto. Aquele foi um dia muito triste da minha vida, passamos o dia resolvendo os trâmites que foram muito desgastantes e tristes. A minha irmã continuava no hospital. Eu não sentia fome ou sede, mas apenas uma tristeza enorme e uma certa revolta pela situação que estava vivenciando. À noite, depois de tudo resolvido, voltando para casa acompanhada do meu pai no trem, eu observava as pessoas a minha volta e todas estavam vivendo normalmente, enquanto eu sentia meu coração dilacerado de tanta dor, me senti sozinha, mas logo entendi que é assim a vida, enquanto uns sofrem, perdem, outros estão felizes e seguindo normalmente... até hoje não sei explicar aquela sensação.

Minha irmã voltou para casa, foi ao “fundo do poço” de tristeza, mas não se entregou, buscou ajuda psicológica e conseguiu se refazer a cada dia mais e mais. Passados alguns meses, descobriu um problema no útero que talvez a impedisse de engravidar novamente, mas ela não desanimou: fez o tratamento e algum tempo depois pôde engravidar novamente. Hoje, ela é uma mãe maravilhosa, foi abençoada com a Valentina, que agora tem oito anos, e com o Gael, que tem cinco anos. Resolvi escrever sobre essa história porque minha irmã merece ser homenageada, não foi fácil, mas ela superou tudo, não se entregou, sempre foi forte. Eu digo que ela é a filha que

mais parece com a nossa mãe, é uma “leoa” para cuidar de todos, mulher que tem um coração enorme, que está sempre pronta para ajudar a quem precisa. Fiz essa história para registrar aqui o orgulho e o amor que tenho por ti, mana.

Uma nova história

Flávia Alves da Luz

"Quero cheirar nada mais do que flores
pedras apenas compondo caminhos
ervas só aquelas que curam feridas
da vida a rosa e não mais o espinho"
(Wilson Paim - Compondo Caminhos)

Era uma noite de verão, eu e meu esposo fomos passar a noite na casa da tia dele. Nós morávamos em Gravataí, ele era um ex-usuário de cocaína, mas na época em que estávamos casados, ele dizia não estar usando qualquer substância. Ele trabalhava à noite e eu ficava em casa, mas com o tempo, ele voltou a usar escondido de mim. E naquele final de semana em que fomos para casa da tia dele, bebemos e conversamos bastante, eu acabei dormindo no sofá.

Antes que eu fosse dormir, ele falou que iria buscar mais bebida com o tio dele. Quando acordei,



eu o procurei dentro de casa mas não o encontrei. Fui, então, olhar na rua, na parte dos fundos da casa, e lá estava ele, com seu tio, usando cocaína... então, o tio dele disse para que ele me

deixasse experimentar. Inicialmente, meu ex-marido não gostou da ideia, mas mudou de ideia e acabei experimentando. Naquele momento, para mim, não fez efeito algum, pois ainda não sabia qual era a sensação. Achava que seria somente aquela vez, mas quando fomos para casa, os dias foram se passando normalmente e cada vez que chegava o final de semana, bebíamos e usávamos cocaína.

Até então, não sabia que estava me viciando, achava que seria somente mais aquela vez, mas quando percebi e me dei conta já estava tarde demais. Mais um final de semana chegava e fomos novamente para casa da tia dele. Nós bebemos e usamos cocaína, e quando acabou, meu marido foi até a casa de um amigo para pedir que ele buscasse mais. Como ele demorou, fui atrás... chegando lá, ele me falou que não tinha mais cocaína, mas que o amigo dele havia ido buscar crack, que era a mesma coisa, até melhor, então resolvi experimentar. Foi uma sensação maravilhosa, mas não sabia que ali seria o início do fim de tudo aquilo que já havíamos conquistado juntos.

Os anos foram se passando e nós acabamos nos perdendo no mundo das drogas. Chegamos até a vender todos os móveis de nossa casa, mal sabia eu que já estava viciada. Nossa vida se acabou. Fomos tentando e tentando ficar juntos, mas a droga foi mais forte e acabou com o nosso relacionamento: cada um foi para um lado; eu fui morar com meu pai, e ele, com seus avós. Tentei viver uma vida normal, longe de tudo aquilo que só me fazia mal, comecei a sair, beber e me divertir. Achei que estava bem, mas em uma certa noite, uma amiga me ofereceu cocaína, eu, na hora, não pensei e acabei usando. Não sabia, no entanto, que iria sentir falta de algo que fosse mais forte... Fui para casa

e não consegui dormir, então fui atrás de mais cocaína, porém não encontrei. Me ofereceram, então, o crack, e eu aceitei! Dali em diante, fui me “afundando” cada vez mais, cheguei a morar na rua por escolha própria, porque eu não queria dar mais trabalho para minha família.

Contudo, como toda família que ama, eles tentaram me ajudar. Resolveram, então, me internar, fiquei três meses em Cruz Alta em uma comunidade terapêutica feminina, mas como não queria parar de usar, fiz de tudo para sair de lá. A monitora da comunidade disse que eu iria usar muita droga ainda. Na hora, dei risada e não dei importância, pois era tudo que eu queria na época, cheguei a ser expulsa e logo depois voltei para as ruas. Fiquei mais um tempo vagando pelas ruas, mendigando e usando drogas, fazendo de tudo para conseguir a minha substância de preferência. Mais uma vez, minha família tentou me ajudar: contra a minha vontade, fui internada em Montenegro, tratava-se de um desafio jovem só para mulheres e mais uma vez eu consegui sair de lá. Fiz o possível e o impossível para ser expulsa, e mais uma vez, voltei às ruas. Achei que estava bem, que tinha amigos, que tinha tudo o que precisava e que tão cedo não me incomodaria novamente, fazia o que eu queria, sem ter de dar satisfação a ninguém. Fiz muita coisa errada, enganei pessoas, entre outras coisas muito piores, tudo para conseguir a minha substância de preferência, até que um certo dia, cansei daquela vida!

Foi então que resolvi pedir ajuda a minha família, que imediatamente me internou. No começo, enquanto estava lá dentro, não gostava, fazia tudo errado, tudo o que não podia, mesmo já sabendo qual era o caminho certo a seguir. Fiquei 9

meses internada e todos os meses meu pai ia me ver, conversávamos e eu estava melhorando, já estávamos vendo um futuro para mim, até que eu realmente decidi fazer o tratamento correto: fiz os nove meses, passei por maus momentos lá dentro, pois estava muito acostumada com a rua e teria que seguir regras. Fui punida diversas vezes, até aprender a fazer o que era correto, mas como todo começo tem um fim, eu vi “a luz no fim do túnel” e resolvi seguir. Hoje, faz exatamente quatro anos que eu me livrei daquela vida. Depois que saí da comunidade terapêutica, conheci um grupo de pessoas, homens e mulheres, que faziam visitas em comunidades terapêuticas. Aquele grupo era somente de pessoas que passaram pela mesma situação que eu, cada um deles com sua própria história de vida, tudo o que passaram para chegar até onde eu cheguei. Esse grupo se chama “Filhos de Maria”.

Depois que saí da comunidade terapêutica, comecei a fazer visitas com eles em outras fazendas, outras comunidades terapêuticas. Nós íamos e sempre fazíamos um almoço diferente para aquelas pessoas, fazíamos um galeto e levávamos refrigerantes, passávamos o dia com eles, e depois do almoço, fazíamos reuniões quando compartilhávamos como foi, para cada um de nós, depois que saímos da comunidade. Os residentes internados faziam-nos perguntas e nós os respondíamos, as perguntas eram direcionadas para cada um de nós. E assim foi, por um longo tempo, eu frequentava reuniões de Narcóticos Anônimos (NA), onde falava sobre como estava indo minha vida, quais eram minhas dificuldades, e alguém que estava presente dava-me um retorno, um conselho sobre o que

fazer, até eu decidir que estava na hora de aprender a caminhar sozinha.

Meu pássaro voou

Gabriela de Castro de Souza



No início da pandemia, em 2020, minha filha, na época, com 17 anos, decidiu que iria morar com o namorado, que morava com a avó, e por acharem mais seguro, decidiram assim. Não me opus, pois os dois trabalhavam, e ela sempre foi muito responsável, apesar da pouca idade. Eles moravam na mesma cidade que eu, mas

devido às restrições da pandemia, nos víamos pouco, porém nos falávamos sempre pelo telefone. O tempo passou, eles acabaram alugando um apartamento, para ter mais privacidade, e ter o cantinho deles.

Em maio de 2022, eles me convidaram para ir conhecer o apartamento, eles estavam felizes e eu mais ainda em ver a felicidade e o crescimento de ambos, mesmo sendo tão jovens. Eu já estava ansiosa pelo encontro, marcamos um café da tarde num domingo. Deus caprichou no dia, ensolarado, vento gelado,

um dia bem típico de inverno. Foi uma tarde muito agradável, tomamos café, rimos bastante, colocamos a fofoca em dia. A felicidade transbordava em mim, por ver minha filha bem e feliz.

Pouco antes de eu ir embora, ela me disse que tinha uma surpresa para mim. Foi até o quarto e trouxe algo escondido em suas mãos: toda orgulhosa, ela me mostra seu passaporte, e me conta, então, que em setembro iria tentar a vida em Portugal. Esse era um sonho que ela tinha desde criança, lembro-me dela ainda pequena me falando que quando crescesse iria embora do Brasil. Eu achava que esse dia demoraria a chegar, e agora estava mais perto do que nunca. Um misto de sentimentos tomou conta de mim. Uma alegria imensa em ver ela realizando seus sonhos, orgulho da mulher que ela se tornou, uma sensação de ter feito o meu papel meu bem feito, apesar das dificuldades em criar um filho, e um medo absurdo dela precisar de mim e eu não estar perto.

O namorado dela foi um tempo antes, naquele período, ela entregou o apartamento e voltou a morar comigo, até chegar o dia da viagem. Foram três meses juntas novamente, quando eu tinha de aproveitar cada segundo, e foi isso que fiz. Saíamos juntas, trocávamos confidências, rimos e chorávamos. Foram três meses intensos entre nós duas, vivemos nesse tempo o que não aproveitamos a vida inteira. Tornamo-nos melhores amigas, tiramos muitas fotos juntas, pois sabíamos que, por um longo tempo, as lembranças seriam nossas parceiras.

A data da partida se aproximava e o coração já estava apertado. A viagem estava marcada para o dia 10 de setembro de 2022. Foi então que tive uma ideia: no dia 4 de setembro, um domingo antes da viagem, seria o aniversário do meu menino

mais novo, então decidi fazer uma festa surpresa para ela, aproveitando a data. Combinei com toda a família, os amigos mais próximos, tudo escondido dela. Quando chegamos na casa onde seria a festa, ela viu todas as pessoas que a amam reunidas para dizer um até logo. Ela se emocionou ao vê-los e tenho a certeza de que consegui criar memórias afetivas nela.

A semana se passou e eu já sentia a dor da saudade, sem que ao menos ela tenha ido, coisas de mãe... O embarque foi num sábado à tarde, e sim, Deus mais uma vez caprichou no dia, estava lindo. Pedi a tarde de folga do trabalho, queria acompanhá-la até o aeroporto, e não vou mentir, meu coração estava despedaçado. Não conseguia parar de chorar um minuto, não desgrudava dela, e se eu me concentrar, ainda posso sentir o cheiro dos seus cabelos.

Aquela noite eu mal consegui dormir, a sensação era de luto. É horrível, eu sei, mas uma mãe quer seu filho pertinho, mas eu sei que esse era o sonho dela. Vai fazer um ano que meu passarinho voou, foi em busca do seu lugar ao sol, em busca de suas realizações. Falamo-nos todos os dias, a tecnologia é uma grande aliada nessas horas.

Ela está trabalhando, tem uma qualidade de vida melhor do que aqui no Brasil, já conheceu outros países da Europa, e tem uma coisa engraçada que ela fala: “mãe, eu choro com saudades de vocês, mas pelo menos eu choro na Europa”. Acho que a vida é assim mesmo, não podemos ter medo de ir atrás dos nossos sonhos, assim como ela fez. A saudade dói, mas ela sempre terá o meu apoio, e quando precisar, terá em mim um porto seguro.

O milagre da cura

Maria Jocélia de Oliveira Hermes

No ano de 2007, no mês de dezembro, estava sentada na sala da minha casa com minha filha, Stephanie, ainda pequena, em meu colo com a cabeça em meu peito. Foi quando senti uma dor horrível e percebi dois caroços naquela região. Procurei ajuda médica e fui submetida a muitos exames de imagem e laboratoriais, por meio dos quais obtive o diagnóstico de



um câncer. Para a medicina, a chance seria mínima... Na noite anterior à cirurgia, sentada na cama do hospital, falei com Deus: “se o senhor realmente existe, dê-me uma chance de que eu sobreviva a essa enfermidade e possa ver minha filha Stephanie crescer. Eu prometo que vou te procurar seja onde for...”.

A cirurgia aconteceu, com a duração de 9 horas. Ao acordar, com dores insuportáveis, lembrei da conversa com Deus, e, enfim, estava viva. Começava, a partir de então, uma nova etapa de tratamentos, medicamentos, idas e vindas ao hospital, e naquele momento já sentia que não estava sozinha,

que algo sobrenatural me sustentava. Naquela hora de tanta dor e sofrimento, novos exames foram coletados e o milagre aconteceu: onde estava o câncer? Eu estava curada, mas com um quadro grave de depressão.

Todos os dias, olhava para meu corpo e me sentia mutilada e um “lixo”, porque uma mulher sem um seio acaba tendo sua autoestima abalada. Foram seis cirurgias na tentativa de melhorar minha aparência, mas com a alma doente, um corpo morre. Em outra conversa com Deus, supliquei: “se o senhor está comigo, preciso que cure minha alma, pois meu corpo está vivo, mas minha alma está morta...”.

Eis que, caminhando na rua, sem rumo, entrei em uma igreja, ajoelhei-me e falei tudo que me acontecia para Deus. Ao sair dali, já me sentia outra pessoa, a mais feliz sobre a face da terra. Hoje, todos os dias, Deus renasce em meu coração. Gozo de uma saúde perfeita no corpo e na mente, e, hoje, minha vida é viver para Ele, por Ele e com Ele, meu único e suficiente salvador: Jesus Cristo.

Persistir mesmo quando quiser desistir

Michele Pires da Rosa

Era novembro do ano de 2020, quando, em meio a uma pandemia, sentada no sofá da minha sala, com o celular na mão navegando no Facebook, me deparei diante de uma postagem do IFSul de Sapucaia, que estava oferecendo cursos técnicos profissionalizantes para adultos, na modalidade PROEJA, fazendo eu mudar minha forma de pensar, afinal, eu sempre achei que estava velha para retomar os estudos, depois dos 33 anos de idade, com casa, emprego, família e filhos para cuidar.



Depois de muito pensar, com medo e receio do que os outros iriam comentar, decidi, mesmo assim, fazer minha inscrição, sem contar a ninguém, nem ao menos à minha filha Jullya, de 17 anos, que é minha

maior incentivadora em tudo que faço na minha vida. Segui todos os passos e orientações e aguardei o dia do sorteio, que seria realizado na plataforma do YouTube, ao vivo. No dia,

estavam comigo Jullya e meu irmão Roger. Conteí a eles que havia feito a inscrição, ambos acharam que se tratava de uma brincadeira até ouvirem todo meu nome sendo sorteado.

Em janeiro de 2021, foi meu primeiro contato com IFSul, no meio de muitos sentimentos de alegria e ansiedade, sem saber o que esperava por mim, até porque eu estava tanto tempo fora da escola... Nesta jornada, conheci pessoas maravilhosas em todos os semestres: colegas, amigos e professores que me ensinaram com todo amor e carinho usando de todo seu conhecimento. Confesso que, por vezes, as coisas ficaram difíceis, a carga se tornou pesada, cogitei muitas vezes parar ou trancar meu curso, mas continuei firme, pois sempre ouvi de todos os professores que não seria fácil, que muitos no meio do caminho iriam ficar para trás, mas que deveríamos persistir e focar nos nossos objetivos.

Hoje, na turma 4F, faltando muito pouco para eu me formar, entendo só agora o que eles queriam dizer. Uma turma em que a maioria são mulheres, somos uma “bengala” de apoio umas das outras, todas mães, trabalhadoras, donas de casa, mas, o mais importante, somos estudantes, e digo, sem delongas, depois de toda essa minha trajetória, que nunca é tarde para se construir o início de uma nova história, eu estou construindo a minha, já ultrapassei barreiras de preconceito que eu mesma tinha sobre retomar os estudos, me desconstruí e todo dia aprendo algo novo que me faz acreditar que posso ser e fazer tudo o que eu quiser, e que a única pessoa que pode me parar sou eu mesma.

Deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos a todos os meus professores, em especial para o meu “chuchuzinho”,

apelido carinhoso que dei ao meu mestre de física, professor Vicente, que me mostrou que ensinar é uma arte que, quando feita com amor e empatia, tudo fica mais leve. Esse professor, sem saber, me inspirou a ser um ser humano melhor, fazendo a diferença na minha vida, desde o momento do aperto de mão caloroso de boa noite, até a simples frase: “como estão as meninas?”, quando se referia às minhas filhas. Quem dera se o mundo tivesse mais “chuchuzinhos” espalhados por aí...

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Baixe a versão digital desta e de todas as edições anteriores do Histórias que Merecem ser Contadas no site www.sapucaia.ifsul.edu.br ou acesse diretamente pelo QRCode ao lado.

